

Curso de Pedagogia: Espaço/Tempo de Sonhos, Aprendizados e de Lutas

Ercília Maria Braga de Olinda

É uma honra fazer parte do registro de memórias relacionadas ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará, sobretudo pela oportunidade de fazer um balanço sobre os aprendizados experienciais que fiz, interpretando o significado mais profundo que instituições, eventos, teorias, ideias e pessoas tiveram na minha formação pessoal e profissional. Tenho muito orgulho de dizer que sou pedagoga e que me esforço a cada dia em ser uma educadora popular vinculada aos movimentos sociais e aos anseios emancipatórios, que apostam numa sociedade justa, propiciadora de oportunidades e garantidora de direitos.

As narrativas autobiográficas são formas de escrita de si (dimensão singular), mas que abrem veredas para o a escrita coletiva (dimensão plural). Muitos são os caminhos para tecer os fios que dão coerência e significado às vivências que temos ao longo da vida. Escolhi olhar para a professora-pesquisadora que sou hoje, perguntando: como me tornei no que sou? Como o Curso de Pedagogia colaborou para este *design*?

Tomando o presente como ponto de partida, vejo-me como uma profissional dedicada à divulgação, defesa e promoção dos direitos

humanos, sobretudo de crianças e de adolescentes, os educandos e socioeducandos que mais permanentemente estão presentes na minha práxis pedagógica. Sou uma profissional da Educação engajada na formação de pedagogos e de pedagogas dedicados(as) aos processos educativos escolares e não escolares em que as classes populares são sujeitos aprendentes e ensinantes. Supervisiono o Estágio Curricular, sempre o vinculando à atividade de extensão e de pesquisa. Oriento trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses que se ocupam das temáticas da(s) juventude(s) e da espiritualidade na perspectiva da Educação em Direitos Humanos. Como estes saberes e fazeres foram se constituindo? O que foi fundante para o que sou hoje? Sigamos os fios da minha trajetória escolar e acadêmica.

Sou técnica em Química, formada pela Escola Técnica Federal do Ceará. De 1980 a 1982, fiz o Curso de Química na UFC com a permanente sensação de que estava no local errado. A participação ativa no Movimento Estudantil e na militância partidária de esquerda impulsionava-me para outras temáticas ligadas às relações humanas. Assim, em agosto de 1982, iniciei o Curso de Pedagogia. Naquela época, vários professores retornavam de doutorados no Exterior e traziam uma visão histórico-crítica da educação, transformando as orientações curriculares do curso, antes centrada numa abordagem psicológica e técnica, numa visão mais sociopolítica.

Minha turma se dividia entre as duas tendências, apesar de conservarmos um sentido de união e de ajuda mútua muito forte. Juntamente com a turma que nos antecedeu, fundamos o Centro Acadêmico Paulo Freire. Tânia Batista, hoje professora lotada no Departamento de Estudos Especializados, participou destes momentos iniciais da organização estudantil no Curso de Pedagogia, e permanece como presença muito querida no meu dia a dia. Naquela época, entre os estudantes de Pedagogia, havia muita divergência teórica e política, porém a escolha do nome do C.A foi unânime.

Nossas reuniões eram precedidas por conversas aconchegantes no pequeno bosque que tínhamos com árvores frondosas e muitos pássaros a nos saudar permanentemente. Poucas árvores resistiram à formação "devastadora" de nossos arquitetos e dirigentes, que não tiveram sensibilidade para poupar aquelas vidas que criavam uma ambiência de tranquilidade.

Paulo Freire acompanhou nossa geração, nutrindo-nos de sonhos e de confiança na capacidade do ser humano "ser mais", superando as situações adversas pela organização e pela educação, numa dinâmica da ação-reflexão-ação tão bem sintetizada na expressão "palavração". Fomos apresentados a Freire pela professora Maria Luisa Amorim, nossa Lulu. Sempre encantadora, Lulu nos ensinou que a militância exige preparo, daí termos estudado todos os livros disponíveis do Educador pernambucano na época. Participei como bolsista de um projeto de extensão desenvolvido no bairro São Miguel (Grande Messejana). Naquela ocasião, tivemos a oportunidade de vivenciar todos os momentos do "Método Paulo Freire de Alfabetização." Durante um mês, circulamos nas ruas esburacadas e sem saneamento, adentrando os botecos e visitando casas simples de pessoas que nos acolhiam com todo carinho, vendo em nós o apoio que jamais tiveram das autoridades públicas. Fizemos o levantamento do universo vocabular e a codificação das situações existenciais, para, em seguida, formarmos uma turma de alfabetização de adultos. Os primeiros círculos de cultura que realizamos com donas de casa e com trabalhadores da construção civil nos mostraram a magia da descoberta da pronúncia da palavra e da riqueza da leitura do mundo realizada por pessoas com muitos saberes, mas que tinham sido calados pela "cultura do silêncio" instalada e perpetuada por uma sociedade perversa, etnocêntrica, machista e, em grande medida, demofóbica. Infelizmente, por motivos familiares, não pude seguir com o grupo até o final do projeto, mas tudo o que vivi naqueles dois meses valeram por um curso inteiro de educação popular.

Em seguida, fui bolsista do Pró-Docente Rural, projeto de extensão coordenado pelas professoras Terezinha Vieira e Lourdinha Brandão. Todos os sábados, íamos para Aquiraz e ministrávamos aulas de Linguagem para professoras da zona rural. Foi outro grande aprendizado e outra forma de vivenciar os postulados freireanos. Nas reuniões de planejamento semanal, procurávamos formas de trabalhar os conteúdos previstos, partindo do universo vocabular dos educandos, problematizando suas afirmações e estimulando o desenvolvimento da linguagem oral e da escrita. Criei vínculos afetivos tão fortes com aquela comunidade que até hoje participo das festividades anuais de São Sebastião.

Quantas imagens fabulosas me vêm à cabeça neste momento: a generosidade do professor Moacir Teixeira Aguiar nos conduzindo pelas sendas do pensamento filosófico. Como ele se encantava quando conseguíamos apreender o fundamental do pensamento de um filósofo! Ele nos lembrava de que o fazer educativo é sempre tributário de um pensar filosófico. O professor José Ferreira de Alencar nos conduzia no campo historiográfico com uma visão marxiana de mundo. Tínhamos muito respeito pela luta que ele havia empreendido contra a ditadura militar; resistência que o levou à prisão, à tortura e ao exílio na Suécia. Com esta figura ímpar, aprendemos a olhar para os fenômenos sociais e políticos na sua totalidade, tendo no conceito de ideologia uma grande ferramenta para a denúncia das tramas opressivas. Tínhamos conversas infindáveis sobre o papel da religião na história. Mesmo aderindo totalmente às ideias marxistas-leninistas, acreditava em Deus e no seu poder de transformar o interior das pessoas, para que, de fato, elas pudessem transformar o mundo. Eu dizia que ele só morreria quando estivesse acreditando em Deus. Ele ria e dizia: "ficarei para a eternidade". Alencar era uma pessoa tão boa, um exemplo de verdadeiro cristão, que teve a coragem de viver a experiência de sentir Deus nos últimos dias de sua vida.

Na minha trajetória acadêmica, fui estimulada a buscar o rigor científico, articulando teoria e prática, porém esqueceram que somos seres multidimensionais. Pouco tratamos do aprendizado do sentir, do saber escutar, da sabedoria de estar com o outro e também de nos conhecer. Quando já era professora do Departamento de Teoria e Prática do Ensino da Faculdade de Educação, tive a oportunidade de conviver com colegas que entendiam que a permanente busca humana para ser o que se é implica a tensão de saber-se finito, mas de vislumbrar-se como espírito imortal. As dimensões estéticas, éticas e espirituais começaram a se fazer presentes na formação do pedagogo pela práxis pedagógica das professoras Noélia Picanço, Izaíra Silvino, Ângela Linhares, Kelma Matos, João Figueiredo, Elvis Matos, Luis Botelho, Tânia Viana e tantos outros que insistem numa perspectiva de formação multirreferencial em que os saberes advindos da Arte, da Filosofia, da Religião e do senso comum se comunicam com os saberes científicos. Neste ponto, preciso fazer uma menção especial à importância da professora Izaíra Silvino e as palavras que me vêm à mente são: "decência e beleza de mãos dadas". Com esta educadora, pude fazer uma síntese do melhor que tinha aprendido na minha formação inicial, o que me levou a articular a luta social pela peleja interior da autotransformação. Izaíra foi e é minha mestra querida e minha "mãe preta".

Conforme explicitado na apresentação da coletânea por mim organizada e intitulada de *Artes do Sentir: Trajetórias de vida e Formação*, encontrei no universo da pesquisa (auto)biográfica o paradigma de pesquisa, de formação e de intervenção social que me permite articular todas as dimensões do humano. Nas pesquisas que oriento, há espaço para a consideração de singularidades e de subjetividades, sem que precisemos enveredar por uma perspectiva intimista, descolada do plural e do social. Nesta abordagem, há, sobretudo, campo fecundo para os sentimentos, que não estão dissociados da razão. Pensamos e agimos

como sujeitos inteiros, plenos, que produzem sua vida cotidianamente, representando este caminhar por meio de narrativas de si que, por sua vez, estão povoadas de outros. Os procedimentos que utilizamos oferecem um espaço/tempo de criatividade e de liberdade para os narradores, ao mesmo tempo em que convidam para um estado de "atenção consciente" como presença a si mesmo no mundo.

As teorias que tratam dos modos como a memória se institui, se conserva ou se rompe, partilhadas por mim, orientam para o cuidado com uma perspectiva saudosista que considera o passado como um tempo em que tudo era melhor do que hoje. Confesso que, no atual momento, olho para a época em que fiz Pedagogia e vejo algumas coisas ausentes no momento atual: a luta conjunta entre os três segmentos que fazem a universidade; a presença de lideranças que agregavam todo um coletivo; a preocupação com a formação do pedagogo acima dos interesses particulares ou de grupos e, sobretudo, o confronto de ideias. É certo que este último aspecto nem sempre era vivenciado com toda tranquilidade e respeito, mas o positivo era que havia espaço para ideias diferentes. O debate não era visto como ação de quem quer atrapalhar o andamento das ações institucionais, mas como algo intrinsecamente vinculado à dinâmica universitária.

Quando era aluna de Pedagogia, participava como representante discente no Departamento de Educação, unidade que congregava todos os professores do curso. Aprendi sobre estrutura e funcionamento do ensino superior, identificando todos os interesses e posicionamentos políticos em disputa na instituição; presenciei e participei ativamente das discussões sobre o perfil do pedagogo a ser formado, entendendo que currículo é resultante de disputas políticas e expressa intencionalidades que devem ser negociadas. Vi nas figuras das professoras Emília Veloso e Estrela Fernandes exemplos de gestoras que incluem e que escutam opiniões diferentes da sua. Am-

bas tinham opiniões firmes, mas respeitosa-mente acatavam visões diferenciadas das suas.

Não poderia deixar de falar e de homenagear três professoras que tiveram grande importância na minha formação: Helena Maria, Terezinha Maciel e Meiricele Calíope. A primeira foi minha professora de Metodologia do Ensino. Até hoje a conservo como referência, por sua calma e organização. Suas aulas eram verdadeiras oficinas de trabalho em que desenvolvíamos capacidades e habilidades que sequer acreditávamos ter. Com as duas últimas tive as primeiras oportunidades de enveredar pelo mundo da docência e da pesquisa. Terezinha voltava do doutorado feito nos Estados Unidos da América e me convidou para uma ligeira colaboração em um levantamento bibliográfico que realizava. Posteriormente, tornamo-nos parceiras na disciplina Didática do Ensino Superior ofertada aos professores da UFC, tanto para os recém admitidos, quanto para os mais antigos. Terezinha era nossa líder e a respeitávamos como intelectual, professora e pessoa humana maravilhosa, sempre preocupada com os sentimentos dos outros. Ela era assim e ainda é! Meirecele convidou-me para ser sua monitora, dando-me a oportunidade de descobrir a professora universitária em mim. Ela era, e ainda é, uma professora com olhar atento a descobrir potencialidades e a investir neles. Sou-lhe muito grata pela confiança.

Amo o curso de Pedagogia e a ele me dedico de corpo e alma, pois vejo o resultado de tudo o que fazemos em diferentes espaços: nas salas de aula das escolas públicas e particulares; na atuação militantemente nas ONG, nas instituições de acolhimento e nos centros socioeducativos para adolescentes privados de liberdade; na gestão do sistema educacional e das escolas e no campo da pesquisa educacional.

Vejo o resultado da formação no curso de Pedagogia, tanto na condição discente, quanto na condição docente, na pessoa e na profissional que sou hoje, com minhas limitações, potencialidades e

realizações. O fundamental é que continuo me considerando uma eterna aprendiz, mantendo-me aberta às relações, aos conflitos, às alegrias dos encontros e às tristezas dos desencontros.

Tenho hoje, no curso de Pedagogia, parceiras e parceiros incondicionais em quem me apoio nos momentos de dúvidas e de desencantos. São pessoas queridas que nos amam, mesmo conhecendo nossas fraquezas. Sempre receando ser injusta por deixar alguém importante de fora, não nomearei a todos, no entanto, não posso deixar de citar minhas queridas amigas Ana Iório e Luciane Goldberg, presenças vivas no meu cotidiano. Com a Aninha partilho debates teóricos, consultorias e bancas. Com Luciane, partilho as coordenações do Curso de Pedagogia na modalidade a distância e do Projeto de Extensão Rede de Educadores em Defesa das Crianças e do Adolescente (REEDUCA). Lembro, ainda, do amigo-irmão João Batista de Albuquerque Figueiredo, com quem divido crenças, saberes e não saberes, ministrando na graduação e na pós-graduação a disciplina Dialogicidade e Formação Humana em Paulo Freire.

Sou muito grata a todas(os) as(os) estudantes, orientandas (os) com quem divido sonhos e projetos pedagógicos. Elas e eles realimentam minhas utopias e minha jovialidade.